Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

ANNA NEAGLE

Nenhuma actriz inglêsa conseguiu alcançar na América o nível atingido pela criadora da Raínha Vitória. Depois de «Irene» a Rádio-Filmes vai apresentá-la brevemente na célebre opereta «NO, NO, NANETTE»



2.ª SÉRIE—N.º 15—PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS—LISBOA, 17 DE FEVEREIRO DE 1941—PREÇO: 1$50

as estreias do Animatógrafo

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VÊ-AS PARA LHES CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHES ASSIM UMA ESTREIA, ANTES DE QUALQUER CINEMA

A S. I. F.
apresenta

«O HOMEM PERFEITO»

(«The Perfect Specimen»)

Realização de *Michael Curtis*

Argumento extraído da novela de *Samuel Hopkins Adams*

Personagens:

Gerald Wicks.	ERROL FLYNN
Mona Carter	JOAN BLONDELL
Leona Wicks	MAY ROBSON
Killigrew Shawe.	HUGH HERBERT

Nas suas vastas propriedades de Wickstead, no estado da Pennsylvania, vive retirada do mundo a bondosa senhora Leona Wicks (May Robson) que dedica tôda a sua vida a fazer do seu neto Gerald (Errol Flynn) — um «homem perfeito».



A senhora Leona Wicks é dona duma fortuna superior a 20 milhões de dólares e pode pois caprichar em tornar o herdeiro do seu nome naquilo que ela entende ser um homem perfeito. Para tanto o rapaz vive enclausurado em gaiola doirada.



Um dia o rapaz, por um incidente, passa as fronteiras do seu domínio e encontra um mundo completamente desconhecido para êle... na pessoa de Mona Carter (Joan Blondell), a qual já ouvira falar do raro exemplar de homem.



Manda a verdade que se diga que se Gerald era um homem perfeito, a Mona não lhe ficava atrás... Uma verdadeira perfeição de mulher. O rapaz ficou deveras impressionado, tanto mais que conhecia o amor apenas de nome (!).



Enquanto em casa da avó Leona ia grande alvorôço pelo desaparecimento do «menino», êste aprende à sua custa (nada melhor do que a experiência) como uma mulher bonita pode levar um homem, mesmo perfeito, a grandes sarilhos.



Um passeio de carro que Gerald oferece à graciosa Mona é, com efeito, o ponto de partida duma série de peripécias, entre as quais avulta um forçado combate de «box», em que o nosso herói mostra ser realmente um homem perfeito..



A senhora Leona Wicks está inconsolável por ver o seu perfeito neto perdido num mundo tão imperfeito. Gerald, na companhia de Mona, sente ganas de ir até à China e começa a compreender que a educação da avó não foi completa...



Uma violenta tempestade leva o casalinho a recolher-se em casa dum poeta excêntrico, Killigrew Shawe (Hugh Herbert). E na intimidade dêsse lar, sob o olhar complacente da poesia, mais se aperta o doce laço que os une.



Os 20 milhões dos Wicks lançam uma suspeita que ensombra a felicidade de Mona. Mas se Gerald é assim tão perfeito, que admira que ela goste dêle?

E é o próprio orgulho que acaba por vencer a avó.

(*Texto de António de Carvalho Nunes*)



GRETA GARBO, Medalha de Honra do "Animatógrafo„

A extraordinária actriz da Metro-Goldwin-Mayer ganhou por grande maioria a Medalha que "Animatógrafo„ instituiu para a melhor interpretação feminina apresentada em Lisboa no ano de 1940, pelo seu desempenho em "Ninotchka„. É a primeira vez, numa carreira que se prolonga gloriosamente há quinze anos que Greta Garbo é contemplada com um prémio. "Animatógrafo„ orgulha-se de lho conceder, reparando assim uma evidente e inexplicável injustiça.



LESLIE HOWARD, Medalha de Honra do "Animatógrafo,,

O grande actor inglês que a Nacional-Filmes apresentou em "Pigmaleão,, ganhou, pela sua actuação nêsse filme, a Medalha destinada à melhor interpretação masculina de 1940. Deve notar-se que Leslie Howard ficou ainda classificado em 3.º pelo seu desempenho em "Intermezzo,, da Sonoro-Filme, e em 5.º pelo seu desempenho na "Comédia de Amor,, da S. I. F.. Que nos conste, também é a primeira vez que Leslie Howard ganha o primeiro prémio dum concurso.

2.ª série / N.º 15 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 48276 NEOGRAVURA, LIMITADA, T. da Oliveira, à Estrêla, 4-6

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

17 de Fevereiro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef. P. A. B. X. 27507) — LISBOA

O CINEMA PORTUGUÊS CONTINUA!

✱ **Brum do Canto** já começou «LOBOS DA SERRA»

✱ **Leitão de Barros** prepara «ALA, ARRIBA» e «MARIA DA FONTE»

✱ **Lopes Ribeiro** monta o documentário da EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS

Grandes notícias! Grandes e fresquinhas, as que hoje podemos dar aos nossos leitores. E estamos seguros que todos os que ainda não descrêem da possibilidade de haver um dia um Cinema Português as hão-de receber com alvorôço

É certo que as iniciativas de que damos conta ainda têm aquele carácter de tentativa isolada que condenamos em princípio, por sabermos serem necessárias outras condições de produção (*continuidade*, trabalho orientado e constante daqueles que amam o Cinema a ponto de lhe sacrificarem todos os instantes) para que se crie a *indústria* susceptível de proporcionar o aparecimento de uma *arte* cinematográfica nacional. Mas preferimos isso a ter que lançar o alarme pelo perigo de paralização total. Enquanto houver trabalho para o estúdio, para o laboratório, para os operadores, para os artistas e para os técnicos — não teremos razão para desânimos, e encontraremos motivos para demonstrar a urgência duma coordenação de esforços, protegidos por medidas governamentais que se impõem e a cujo estudo se procede activamente.

O filme de Brum do Canto

A Tobis Portuguesa sempre se decidiu a dar a arrancada definitiva ao filme «Lobos da Serra», que o realizador da «Canção da Terra» e «João Ratão» se propunha, como noticiámos, dirigir. Ergue-se no único «plateau» da Quinta das Conchas um «complexo» de concepção e realização feliz, segundo um projecto de Raúl Faria da Fonseca, e que se impõe à vista, pelas suas proporções e pelo cuidado com que foi construído.

Na secção da página 7 damos tôda uma série de notícias que ao filme se referem, colhidas da melhor fonte.

Nova «Maria da Fonte»

A propósito de fonte: Leitão de Barros propõe-se realizar lá para o fim do ano, um filme intitulado «Maria da Fonte», cuja primeira personagem é, evidentemente, a fabulosa heroína minhota.

Não é a primeira vez, verdade seja, que tal ideia surge no panorama da produção portuguesa. António Lopes Ribeiro pensou realizar um filme sôbre o mesmo tema, e Rocha Martins escreveu um argumento (por sinal, notável) que a êle se destinava. Indigitava-se Dina Tereza para a protagonista e pensava-se numa das nossas primeiras actrizes para o papel, importantíssimo, de D. Maria II.

Mas de projectos não reza a história, e Leitão de Barros retomou legitimamente a antiga ideia, oxalá que com mais viabilidade e menos decepções.

Para aproveitar os cenários *quási* naturais do Bairro Comercial da Exposição do Mundo Português (principalmente o pavilhão da Associação Industrial, que reproduz o Palácio da Régua, ligado à história do motim), Leitão de Barros filmou ontem algumas cenas de grande figuração, de que daremos conta no próximo «Animatógrafo».

Fala-se em Brunilde Júdice da Costa para desempenhar «Maria da Fonte». Congratulemo-nos com isso, pois Brunilde há muito que deveria ter sido aproveitada nos nossos filmes sonoros, pois nos mudos desempenhou, com êxito, «Amor de Perdição» e «Mulheres da Beira».

Colaboração de dramaturgos

É bem que se chamem dramaturgos a colaborar com os realizadores, desde que se disponham a aceitar as regras do novo jôgo em que emparceiram.

Ramada Curto colaborou com Chianca de Garcia na «Aldeia da Roupa Branca» e João de Bastos com Leitão de Barros na «Varanda dos Rouxinois». Agora é Carlos Selvagem — cujo triunfo recente, em «Encruzilhada», muito nos alegrou — que se encarregou da espinha dorsal de «Maria da Fonte».

E numa outra iniciativa do realizador da «Severa» — um grande filme sôbre o litoral português, em particular a Póvoa do Varzim, a que nos referimos largamente noutro lugar — outro dramaturgo, Alfredo Cortez, decerto com a mesma soberba autoridade com que escreveu «Tá Mar» e «Saias», assegura a Leitão de Barros o fulgor do seu estilo e a riqueza da sua veia dramática.

Também nos é permitido dizer que mais um excelente autor de peças teatrais, Vasco Mendonça Alves, vai ser convidado a escrever os diálogos dum novo filme que se projecta para êste ano, e de que podemos assegurar a notícia em primeira mão para um dos próximos números.

O documentário da Exposição e o dos Centenários

Na Lisboa-Filme, António Lopes Ribeiro monta o filme que dirigiu, tendo Carlos Ribeiro como primeiro assistente, e em que se fixaram as maravilhas, agora demolidas, da Exposição Histórica do Mundo Português.

O filme deverá estar concluído em Março próximo, e teve por operadores Octávio Bobone, Artur Costa de Macedo e Manuel Luiz Vieira.

Também serão reünidos num só filme, juntamente com outros trechos inéditos, os documentos apresentados pela SPAC na série especial das Comemorações Centenárias que abrange os números 16 a 24 do «Jornal Português».

Ficarão assim guardados todos os episódios que assinalaram o Ano Áureo, para memória e incentivo dos portugueses.

Ambos os filmes são executados sob o patrocínio do Secretariado da Propaganda Nacional, cuja tarefa em prol do Cinema Português nunca será demais salientar.

1941 promete!

Ainda estamos em Fevereiro e já se estreou um filme («Pôrto de Abrigo»), se está filmando outro («Lobos da Serra»), se preparam dois *conhecidos* («Ala, Arriba!» e «Maria da Fonte») e dois... *desconhecidos* (X e Y). Seis filmes de fundo num só ano, é caso inédito e prometedor. Se lhe juntarmos dois documentários *certos* e três a cinco *possíveis*, chegaremos, pelo menos, aos 10 filmes de grande metragem.

Assim é que se começa — e para diante é que é o caminho!



A Póvoa de Varzim, a mais «atlântica» das nossas praias, com a linda igreja da Assunção, que se vê ao centro da gravura, é o cenário principal do próximo filme de Leitão de Barros e Alfredo Cortez

CINEMA PORTUGUÊS

O que vai pelo Estúdio

Cenários construídos, actores e técnicos contratados, preparação acabada — vão começar as filmagens de «Lobos da Serra», nova fita dirigida por Jorge Brum do Canto e produzida pela Tobis Portuguesa.

O estúdio da Quinta das Conchas está neste momento completamente cheio, atravancado de lés-a-lés oferecendo um aspecto que se pode considerar inédito. Com efeito, levantaram-se ao mesmo tempo vários complexos de cenários, depois de estudada uma arrumação especial e conseguiu-se juntar, lado a lado, um pôsto de fronteira da Guarda-Fiscal, o interior duma casa de lavradores minhotos remediados, uma grande azenha, uma ampla cozinha, vários quartos e um pequeno aspecto duma rua de vila nortenha.

Graças às freqüentes aquisições de material da Tobis Portuguesa, foi possível montar, também prèviamente o material iluminante de que precisarão estes cenários que, dêste modo, estão pràticamente preparados para filmar em qualquer momento.

* * *

Um cão — o «Vouga» — vai pela primeira vez ter papel de relêvo numa fita portuguesa. Não se trata dum cão de raça especial, nem dum cão amestrado «capaz de fazer muitas habilidades», nem, tão pouco dum «pobre cão vàdio...» Não senhores. O «Vouga», que nasceu e vive normalmente nas formosas margens do rio Vouga, em Pessegueiro, onde conheceu Jorge Brum do Canto, durante as filmagens do «João Ratão», é um cão como tantos outros... mas cheio de personalidade, todo branco, só com uma orelha preta. O «Vouga» que vai no filme chamar-se «Patinhas», tem invulgares dotes de adaptação e de inteligência e isso vai permitir-lhe interpretar com agrado certo o seu papel que, diga-se de passagem, é fértil em dificuldades. O «Vouga» até tem cenas... dialogadas! E também vai ter «maquillage»... às patas. Como na fita se chama «Patinhas» foi resolvido pelo realizador pintar-lhe as patas de preto, toilette que não lhe fica nada mal.

Chegado apenas há uma semana ao estúdio da Tobis, o «Vouga» adaptou-se ràpidamente aos hábitos da casa e ao clima do Lumiar. Dois senões apenas: não pode ver sair um automóvel da «Quinta das Conchas» que não o assalte a mania de se meter dentro dêle, convencido que vai passear (o Vouga é um folião!); também não pode ver fazer festas ao cão de guarda do estúdio, o célebre «Pamplinas», porque, embora seja amigo, é, acima de tudo, ciumento. Tirando isto, o «Vouga» anda encantado da vida, constantemente a correr os cantos aos cenários e a ladrar aqui e além, muito convencido de que está a ensaiar o seu papel.

* * *

Ao contrário do que se possa julgar, «Lobos da Serra» não deve ser considerado na categoria daqueles filmes chamados... «de saloios». Com efeito, embora decorra no Minho, a nova fita de Jorge Brum do Canto é uma história vigorosa passada entre gente remediada duma vila nortenha que, por estar muito perto da fronteira, tem de se defender da tentação do contrabando.

* * *

César de Sá, o consagrado operador e técnico cinematográfico, iniciou já na passada semana, a sua actividade. Durante dois dias, com os seus assistentes e a estreita colaboração de António Villar, chefe-caracterizador, procedeu a experiências de iluminação e maquilhagem, tendo especialmente em vista Maria Domingas, António de Sousa, Carlos Otero, Marimília Villas e Silva Araújo.

* * *

Depois de pesquizas que demoraram semanas foram escolhidos os quatro miúdos que Jorge Brum do Canto queria para interpretar 4 papéis a que tem dedicado o seu melhor cuidado.

Foram ouvidos dezenas de garotos, depois de terem estudado pequenos papéis de prova. Feita a comparação das qualidades e das exigências dos papéis, escolhidos os julgados melhores, ficaram, claro, muitos desgostosos. Mas estas diligências à busca dum intérprete-miúdo deram-nos uma garantia: quando forem precisos garotos para filmes portugueses não faltam. A maior parte dêles apresenta-se com talento, com invulgares faculdades de adaptação e principalmente com uma pureza de entusiasmos que uma pureza de entusiasmo que infelizmente nem sempre caracterizam os candidatos a estrêlas mais graúdos.

* * *

Está assegurada para «Lobos da Serra» a colaboração dos grandes actores António Silva, Armando Machado e Manuel Santos de Carvalho.

* * *

A «équipe», de filmagens deve brevemente partir para a Serra da Estrêla filmar algumas cenas capitais que se passam na neve. Dêste modo pode também dizer-se que a Estrêla vai ser «estrêla» dum filme nacional... embora a «interpretar» o papel de Serra da Peneda, onde a acção depois será localizada. No entanto, para a Serra da Peneda não ficar desgostosa quando chegar a Primavera e por tôda a parte houver flôres, lá estará também a filmar a «équipe» de «Lobos da Serra» que, então, deve estar a terminar seus trabalhos. Dêstes, sempre que fôr oportuno, «Animatógrafo» irá dando notícias.

O QUE NOS DISSE

Leitão de Barros

Leitão de Barros disse-nos... que, por enquanto, nada nos poderia dizer.

Não porque não tivesse confiança em «Animatógrafo», claro. Mas porque a sua estreita colaboração com Alfredo Cortês — que um profundo desgôsto acaba de ferir — o obrigava a guardar para melhor oportunidade as suas revelações.

Respeitamos em absoluto o silêncio de Leitão de Barros, mas não a ponto de não tratarmos de saber por outras vias o que seria o seu próximo filme.

O realizador de «Maria do Mar» é sobejamente jornalista para compreender o processo que adoptamos — e nos relevar a indiscrição, devida aos nossos leitores.

Damos assim, na página central, pormenores completos sôbre um projecto que, desde já, classificamos de brilhantíssimo.

Mais sabemos que Leitão de Barros tem um vasto plano para a realização e o lançamento do seu novo filme, que êle pretende levar a cabo por processos novos, quási revolucionários, num plano nìtidamente nacional.

Se o apoio de «Animatógrafo» lhe for útil, Leitão de Barros pode contar com êle.

VER OUVIR... E FALAR

O Cinema progride em movimento acelerado, separando-nos sempre mais das antigas fórmulas despedaçadas que desde a nossa infância vagarosamente evoluíam.

Actualmente, duma maneira geral, a atenção observa a realização, o andamento fotográfico e o movimento do filme.

Assim, se reduz a importância dos artistas. O Cinema hoje em dia, não vive de vedetas. Raro é o caso que se possa apresentar como exemplo salvo Greta Garbo, essa eterna solitária que acabará por ter um «lindo entêrro». Os heróis do Cinema, que atingiram nos remotos tempos uma soberania despótica, democratizam-se como submetidos às exigências sociais contemporâneas. O desempenho conta-se actualmente como um elemento entre muitos que dão categoria aos filmes. Perdeu a sua grandeza absorvente.

Isto vem a-propósito dum assunto que diz respeito ao nosso Cinema. Quando lá fora o desempenho atingiu um nível artístico extraordinário, sem arestas, sem «saliências», para nós, o diabo está justamente na interpretação. E não nos parece descabido falar da profissão artística, quando as coisas parecem encaminhar-se embora lentamente, para a criação duma indústria de filmes.

À cabeça cabe preguntar: onde e como se formarão os futuros artistas?

Até aqui o problema tem sido resolvido assim. As rábulas principais distribuem-se a actores ou actrizes consagradas e de seguro efeito junto do público. Para êste ou aquele papel que requere uma rapariga ou rapaz, que tenha um colo assim, uma cabeça assado; uns braços fritos e umas pernas cosidas — pronto, desce-se à rua e, ao voltar de uma esquina, topa-se com uma pequena ou com um rapaz aos quais se ajustam à maravilha os papéis em questão e fica resolvida a coisa perfeitamente.

Pelo menos, para o realizador o caso está resolvido. Se por acaso a rapariga tem geito — muito bem. Se não tem — muito bem, também. É que não há quem conheça a fundo a técnica de dirigir artistas, de pôr gente a representar com simplicidade, quem conheça até a perfeição, a justa medida, a sobriedade, sabendo substituir o gesto pela expressão, interpretando bem, completando o filme em todos os pormenores. É certo que alguns trabalhadores do nosso Cinema sem maior sensibilidade nem grande talento, têm já logrado ocupar uma regular posição. Mas não foram artistas — foram «marionnettes» apoiadas numa boa figura.

Para se ser artista é mister amar e compreender a arte e ser emocionado pela beleza.

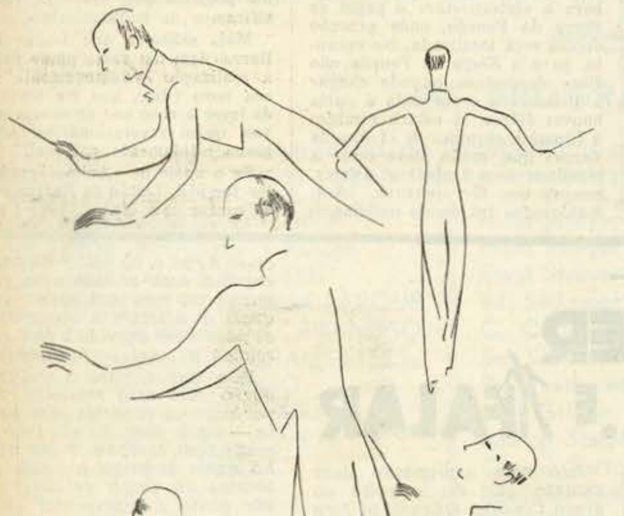
E como havemos de resolver isto se, até por índole, nós não conseguimos dar expressão a coisa alguma sem fazer um gesto significativo?

AUGUSTO FRAGA

BREVE ANÁLISE DOS RESULTADOS
DO NOSSO CONCURSO DE 1940

Não vimos aqui defender os resultados do nosso concurso — pois os primeiros premiados com a Taça e as Medalhas do «Animatógrafo» defendem-se perfeitamente por êles próprios. Vimos antes comentá-los, trocar com o leitor meia dúzia de impressões a tal respeito, impressões que servirão possivelmente para esclarecer eventuais dúvidas ou reparos, sempre possíveis — embora até à data não se tenham manifestado de qualquer forma. Pelo contrário, os resultados foram recebidos com perfeita compreensão e inteiro aplauso.

Devemos dizer que «Animatógrafo» ficou satisfeitíssimo com o êxito de tôda a ordem alcançado pela sua iniciativa — desde a projecção que teve nos meios cinematográficos nacionais, e fora dêles, até à categoria dos resultados, verdadeira prova real da seriedade do concurso, isto é da forma como foi concebido, organizado e regulamentado. Os resultados demonstram, de facto, que o nosso empreendimento, além de ter sido um concurso *sério* (e esperamos que essa qualidade nem precisasse de demonstração), foi indiscutivelmente um concurso *a sério*. Aliás estamos persuadidos que, se as circunstâncias do momento o permitirem, a sua projecção internacional virá confirmar definitivamente a demonstração que apontámos.



ECOS DA NOSSA FESTA

Algumas atitudes típicas do Maestro Pedro de Freitas Branco anotadas por Lemos

As opiniões e as realidades

Não temos a pretensão de julgar os resultados indiscutíveis, porque sabemos que não há opiniões indiscutíveis em matéria de ordem subjectiva. O que a A se afigura excelente pode parecer a B medíocre ou péssimo — e os dois podem discutir indefinidamente sôbre o caso. Mas isso não interessa — interessa apenas o facto do objecto em discussão, ser efectivamente excelente ou péssimo.

Nunca pudemos compreender certas pessoas que, olimpicamente, classificam um filme, por exemplo, de «borracheira» apenas porque êsse filme não lhes agradou. Se o filme é na realidade bom, essas pessoas deveriam dizer, sòmente: «Não gostei!» — porque é só êsse o seu direito. O facto de um senhor proclamar que fiambre com fios de ovos «é uma porcaria» não significa que efectivamente êsse prato seja digno só de suínos — significa apenas que êsse senhor não gosta do manjar referido e que é bastante leviano nas expressões que emprega. Quere dizer: as coisas são boas ou más, belas ou feias, etc., não segundo a opinião de cada um, mas sim em relação a uma tabela de valores, a uma jerarquia de valores que existe independentemente do intelecto, das preferências de espírito ou de paladar do sr. Z ou da senhora X. Por isso não fomos pedir a tôda a gente que designasse os vencedores do nosso concurso, mas apenas a um escol de pessoas que, por razões de vária ordem, se encontram habilitadas a julgar com a necessária objectividade — isto é, a *avaliar*, no sentido próprio da palavra, em relação à tal tabela de valores. É evidente que o factor subjectivo também influi no juízo dêsse escol, mas duma forma atenuada, ou melhor «disciplinada» — pela inteligência, pelos conhecimentos, pela sensibilidade, por tudo aquilo que, exactamente o distingue como «escol». E nessa medida o factor subjectivo tem até muito interêsse.

A classe do filme vencedor

Na lista dos filmes candidatos havia pelo menos quinze ou dezoito filmes que podiam muito justamente ganhar a Taça. Qualquer dêles seria um vencedor digno, «normal» — porque qualquer dêles possuía qualidades artísticas e espectaculares mais do que suficientes para o impôr — em relação a cada um dos outros. Porém, a nosso ver, «O Monte dos Vendavais» era de facto o mais digno, pela *classe* extraordinária de todos os seus elementos: tema original, adaptação e planificação, diálogos, interpretação, fotografia, música, decorações, realização, até a caracterização dos actores — tudo nele e da mais alta categoria. Somando a isto tudo o interêsse empolgante («empolgante» é o termo justo, como António Lopes Ribeiro observou na sua crítica) da sua visão, encontra-se o resultado que veio a ser expresso pelo juri, e por grande maioria.

Mais oito filmes se classificaram, e entre êles, e muito justamente, «Pinocchio», que alcançou o quarto lugar. Obteve assim confirmação o parecer daqueles redactores de «Animatógrafo» que se bateram pela inclusão da maravilhosa obra de Walt Disney entre os candidatos, conforme a seu tempo foi comunicado aos nossos leitores.



ECOS DA NOSSA FESTA

Uma atitude de Clotilde Sakharoff no «Nocturno» de Fauré, surpreendida por José de Lemos

Greta, Leslie, e os outros

A vitória de Greta Garbo — alcançada, como já dissemos por esmagadora maioria — parece-nos inteiramente justa. Não vemos, na realidade, entre as outras interpretações femininas exibidas durante 1940, nenhuma que se possa comparar à sua criação de Ninotchka, personagem dificílima pela transição que experimenta durante o desenrolar do filme. E Greta Garbo foi tão perfeita na primeira como na segunda fase — e verdadeiramente grande na transformação da figura. Certos momentos da sua interpretação são apenas prodigiosos—pela arte, pela feminilidade, pela inteligência e pela sensibilidade que revelam. Nenhum outra actriz mostrou em 1940 nas nossas telas, possuir tantas qualidades e em tão alto grau — nem mesmo Wendy Hiller que se classificou em 2.° lugar com a sua Elisa Doolittle do «Pigmaleão», outro papel de duas faces.

Leslie Howard, entre os actores, obteve um autêntico triunfo — sem dúvida alguma merecido. O facto das Medalhas serem atribuídas aos artistas *em determinadas interpretações* permitiu-lhe classificar-se três vezes: no 1.° lugar, com «Pigmaleão» no 3.° com «Intermezzo», e no 5.° com «A Comédia do Amor». Isto diz tudo: Classificar três interpretações em sete lugares, conquistando além disso o primeiro, é proeza que não será fácil ver repetir. Leslie é indiscutivelmente

(Conclui na pág. 18)



GARBO!...

A Divina!...
A Sublime!...
A Maior!...
A Incomparável!...
A Genial!...
A Única!...
A Soberba!...
A Gigantesca!...
A Eterna!...
A Maravilhosa!...
A Privilegiada!..
A Imortal!..
A Soberana!..
A Portentosa!...
A Magnífica!...
....

PRÉMIO DE INTERPRETAÇÃO FEMININA DE «**ANIMATÓGRAFO**» PELA SUA BRILHANTE CRIAÇÃO DE

«NINOTCHKA»

A

METRO GOLDWYN MAYER

MANTÉM MAIS UMA VEZ O PRIMEIRO LUGAR OBTENDO UMA SUPERIORIDADE ABSOLUTA NO INQUÉRITO DE «ANIMATÓGRAFO»

EM 21 LUGARES, A **M.-G.-M.** CONQUISTA 8 OU SEJAM 38 % DO TOTAL — POSIÇÃO DE QUE NENHUMA OUTRA COMPANHIA SE APROXIMOU SEQUER:

A) *FILMES:*

— **«NINOTCHKA»**
— **«ADEUS, MR. CHIPS»**
— **«MULHERES»**
— **«DE BRAÇO DADO»**

B) *ACTORES:*

— **ROBERT DONAT** em «ADEUS, MR. CHIPS»

C) *ACTRIZES:*

— **GRETA GARBO** em «NINOTCHKA» (Medalha de Honra do «Animatógrafo»
— **NORMA SHEARER** em «MULHERES»
— **GREER GARSON** em «ADEUS, MR. CHIPS»

HOJE, COMO SEMPRE,
a **METRO**-GOLDWYN-**MAYER** merece o «slogan» de que...

SÓ UMA COMPANHIA PODE SER A PRIMEIRA!!!

Na Póvoa do Varzim, seguindo a pista do filme «ALA, ARRIBA!»

«Animatógrafo» passeia os seus leitores pelos ambientes poveiros em que decorrerá parte da nova produção portuguesa de Leitão de Barros e Alfredo Cortez, patrocinada pelo Secretariado da Propaganda Nacional



«Ala, Arriba!» É o grito poveiro que incita os homens da «companha» a levarem os barcos para a praia, onde ficam na areia, entre duas viagens

Quando chegámos à Póvoa do Varzim, já sabíamos que Leitão de Barros e Alfredo Cortez haviam partido na ante-véspera para Lisboa. Mas ignorávamos que com êle partira o sr. António Santos Graça, junto de quem pretendíamos colhêr os necessários informes. E não poderíamos supor que o sr. dr. Caetano Vasques Calafate, presidente da Câmara Municipal e, tal como o sr. António Santos Graça, uma das maiores autoridades em matéria poveira, seria impossível de encontrar naquele dia.

Levaramos connosco um fotógrafo do Pôrto, o nosso amigo Francisco Viana, e projectávamos cavilosamente uma reportagem sensacional. Mas chovia a cântaros, sob um céu de chumbo, com o oceano enfurecido e vasio, sem um barco nas ondas, nem um pescador na praia.

Botámos, melancòlicamente, até o «Guarda-sol». Fizemos um estágio cortês no Póvoa-Cine, cavaqueando no escritório com a amabilíssima gerente, sr.ª D. Clara Félix da Costa Baptista, com seu irmão, o sr. Carlos Evaristo Félix da Costa Baptista, e com jornalista local. Terminamos na Praça da República, escolhendo sôbre o balcão do sr. Manuel Azevedo Duarte algumas das suas excelentes fotografias. E dessa expedição, quási policial, de duas horas incompletas, seguindo a pista dum filme português que se nos anunciava interessante, eis o que conseguimos apurar

Um assunto sem par

Com o sentido prático e com o brilho que o caracterizam, L. de B. expôs numa reünião da Câmara Municipal o que pretendia fazer do filme e com o filme «Ala, Arriba!».

«Ala, Arriba!» será um filme sôbre hábitos, leis, costumes e tradições dos pescadores da Póvoa — a mais antiga tribu piscatória de Portugal. Os «poveiros» são os representantes actuais do *povus maritimus*, anterior à fundação da nacionalidade. Foram êles os construtores das caravelas henriquinas. O seu foral é de D. Afonso Henriques e foi confirmado por D. Deniz.

Desta linhagem magnífica, guardam os poveiros, ciosamente, o mais legítimo orgulho, protegendo a sua raça com um verdadeiro código de «regras», que fazem lei, e que os colocam num lugar inteiramente à-parte dentro da grande família portuguesa.

No filme evocar-se-ão algumas das suas cerimónias tradicionais: o tribunal dos «homens de respeito», o fabricar da rêde indispensável ao noivado, o casamento no cemitério, junto às campas dos «mortos no mar»; e as suas mais estrondosas festas: a procissão da Assunção, junto ao mar, em que tomarão parte muitos milhares de pessoas, e um arraial poveiro, que será reconstituído possivelmente no Monte de S. Félix, na Senhora da Saúde.

Não é difícil supor o que o realizador de «Maria do Mar» (que continua sendo um dos melhores filmes portugueses, e que gostaríamos de ver reconstituído em versão sonora) pode fazer dum assunto tão rico e tão singular, desde que dê à técnica uma importância que o seu feitio *frondeur* algumas vezes se permite desdenhar.

Fatos brancos e pretos

O trajo típico dos poveiros, no século passado, era a calça e casaco de grosso pano branco, cinta e barrete vermelhos. Mas desde a catástrofe de 1882, que enlutou cem famílias poveiras, pescadores e pescadeiras passaram a trajar de negro. Os homens usam barretes maiores que os da Nazaré, de largo rebôrdo; mas as mulheres também usam passar a capa por cima da cabeça.

É claro que, infelizmente, as tradições de indumentária se perdem mais asinha que as mais. Os poveiros de 1941 andam de boina galega... Mas, no filme de Leitão de Barros, voltarão a usar os seus barretes.

Tanto mais que o filme invocará a Póvoa de antes da catástrofe, com o seu «ala-arriba» de fatos brancos e barretes vermelhos.

(Sugerimos, a propósito, que talvez não fôsse impossível filmar com os aparelhos Technicolor que existem em Inglaterra, e que se propunham vir a Espanha *e até a Portugal*, pelo menos essa cena imponentíssima, *clou* autêntico e impressionante).

Música poveira

A música poveira é particularmente pobre como tôda a música do litoral. Mas tem características muito suas: triste, monótona, dramática e empolgante como o mar.

Cantam-na bem, as raparigas do «rancho» dirigido pelo prof. Alberto Gomes e pelo sr. António Santos Graça. L. de B. ouviu-as cantar, e prendeu-se de uma, que talvez ignore como se chama. Mas «Animatógrafo» tratou de o saber, e tem muito gôsto em *apresentá-la* ao realizador: chama-se Maria do Lindo ou «Micas do Lindo», nome de guerra que usa no rancho e que tem, com certeza, mais sabor que o que lhe cabe por registo, pelo que nem tratamos de o saber.

Quando começa?

Fala-se em 15 de Março, para dar, na Póvoa, a primeira volta de manivela de «Ala, Arriba!» (não garantimos que seja assim a ortografia definitiva do título, que damos de ouvido, como o resto).

A Póvoa prometeu, como era natural, tôda a sua colaboração desinteressada.

Os dirigentes da Casa dos Pescadores, mostram-se entusiasmados com a ideia do filme. Confiam em Leitão de Barros, confiam no Cinema — e fazem bem.

Além disso, o Secretariado da Propaganda Nacional dá o seu patrocínio e até o seu apoio material à produção, pois compreende mais uma vez que o Cinema

(Conclui na página 18)

(Clichés Manuel Azevedo Duarte)



Uma rapariga do «Rancho da Póvoa», com o seu lindo trajo branco



O Cruzeiro da Praia protege os pescadores poveiros na sua faina



Um aspecto da Procissão da Assunção, que será reconstituída com grande esplendor pelo realizador de «Maria do Mar» e pelo dramaturgo de «Tá Mar», duas autoridades na matéria



Um velho poveiro, que trocou o antigo barrete pela boina galega. Mas, se entrar no filme, usará barrete



Sardinha viva! Três vultos de pescadeiras recortam-se no horizonte soberbo do Atlântico, apregoando o peixe que os maridos trouxeram do mar

A **RKO-RADIO** VAI APRESENTAR NO **TIVOLI**

O GRANDE FILME DO

CARNAVAL DE LISBOA



NÃO, NÃO, NANETTE!

É mais do que uma alegre comédia musical.
É uma super-produção de verdadeiro luxo, grandiosa, de magnifico espírito e deliciosa graça, com música de sonho e duas canções popularíssimas.

«CHÁ PARA DOIS» E **«QUERO SER FELIZ!»**

cantadas pela grande vedeta inglêsa

ANNA NEAGLE

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

«TOBACCO ROAD», uma peça com 8 anos de cartaz, foi adaptada ao cinema

É sem dúvida um caso único na história do teatro a carreira triunfal da peça americana «Tobacco Road» que durante oito anos consecutivos se manteve no cartaz do mesmo teatro com um êxito constante. Só em 20 de Dezembro passado, depois de ter atingido a astronómica soma de 3.990 representações, «Estrada do Tabaco» deixou de ser representada em Nova York.

Por isso agora a Fox — porque o contrato de aquisição de direitos cinematográficos daquela obra só depois de terminada sua carreira teatral autorizava a sua transposição à tela — começou já a realização de *Tobacco Road*, que o grande John Ford dirigirá, e que será uma das mais importantes, se não a mais importante produção da firma de Zanuck para êste ano.

A protagonista do filme é Gene Turney, uma actriz cheia de talento e de penetrante personalidade, que vimos já em «Regresso de Franck James» o seu primeiro filme, e em quem a Fox põe as suas esperanças.

Ela é também a intérprete de outro grande filme daquela emprêsa, há pouco concluído: «Hudson Bay», com Paul Muni.

A GENTE DO CINEMA triunfa na Rádio

A rádio e o cinema, os mais jovens dos espectáculos, colaboram estreitamente, sobretudo na América, oferecendo-se mùtuamente os seus artistas de categoria. No entanto, não há dúvida que a contribuïção que o cinema oferece ao seu irmão mais novo é, incomparàvelmente mais importante. Isso nos mostram claramente os resultados do referendum que a revista Motion Picture Herald organiza para saber quais os artistas mais queridos e que acabam de ser tornados públicos. Nele deram a sua opinião cêrca de meio milhar de personalidades interessadas na rádio.

Eis o resultado, nas modalidades em que aparece gente de cinema.

Os campeões dos campeões são, segundo a ordem de importância: Jack Benny, Bob Hope e Bing Crosby, três artistas dos filmes da Paramount, Edgar Bergen e o seu célebre boneco Charlie Mac Carthy, Fred Allen e Helen Hayes, a grande actriz americana.

Entre os cantores aparece o nome de Nelson Eddy, e pelo que respeita às cantoras lá se encontram Lily Pons e Grace Moore.

Bing Crosby e Kenny Baker estão òptimamente classificados entre os cultores de canções «Swing» e Rances Langford aparece nessa mesma categoria, à frente de concorrentes sérios.

Bob Hope, Jack Benny, Fred Allen, Edgar Bergen e Charlie Mac Carthy, e o preto Eddie Anderson (Rochester), estão incluídos entre os mais populares cómicos da rádio, o mesmo sucedendo a Fannie Brice e a Gracie Allen.

E, por fim, aqui têm os artistas de cinema que os auditores americanos mais apreciam, como intérpretes do teatro radiofónico: Edward G. Robinson, Don Ameche, Basil Rathbone, Bing Crosby, Bette Davis e Helen Hayes.

COISAS INDISCRETAS

Um caso raro: As bôdas de prata de JOE E. BROWN



O acontecimento que esta gravura regista não é daqueles que vulgarmente se dão no borborinho sentimental de Hollywood. E isso é tanto assim que as próprias agências telegráficas americanas primaram em espalhar, como se se tratasse de um caso excepcional que merecesse divulgação, e ao mesmo tempo, franca admiração.

As duas personagens que nela estão representados são o comediante da bôca incomensurável, o actor Joe E. Brown, que numerosos filmes duma magnífica carreira têm popularizado, e sua mulher, Kathryn Mac Grawn, acabando de saír da igreja de S. Tomé da capital do Cinema, por ocasião da cerimónia religiosa que coroou os festejos das suas bodas de prata, vinte e cinco anos de perfeito e feliz matrimónio!.

A essa cerimónia assistiram também os seus quatro filhos: Don, de 24 anos, Joe, de 22, Mary, de 10 e Kathryn, de 8, e Mike Frankovich, de 27, um filho adoptivo do casal Brown.

Razão de sobra havia para um tal ambiente de interêsse e de simpatia pelos cinco lustros matrimoniais dos Brown, numa terra onde o casamento e o divórcio andam constantemente a par e são duma facilidade que causa espanto.

Que diferença incomensurável existe entre a constância e a fidelidade de Joe e Kathryn, e, por exemplo, a de Lana Turner e Artie Shaw, divorciados um mês depois de terem unidos os seus destinos pelos laços sagrados do matrimónio!...

HAROLD LLOYD produtor de filmes

A figura, ora tímida e ingénua, ora corajosa e ousada, conforme as instruções que os seus hábeis *Gag-men* impunham, mas sempre simpática e engraçada que Harold Lloyd popularizou em tantos e tantos filmes, desde os tempos heróicos de Pathi, com Bebé Daniels e Caralinda, até aos seus recentes filmes — elementos duma carreira das mais brilhantes e bem preenchidas que o Cinema refere — não mais aparecerá no écran!

Acabou-se os óculos de tartaruga e os fatos de quadradinhos. É verdade! Harold resolveu trocar a carreira de actor pelas responsabilidades de produtor. A sua primeira produção para a RKO-Rádio intitula-se *A Girl, a Guy and a Gob*, que Richard Wallace dirige e de que são intérpretes a adorável e aliciante Lucille Ball, George Murphy, correto actor e magnífico *tap-dancer*, e Edmond O'Brien que foi o fugoso apaixonado de Maureen O'Hara em «Nossa Senhora de Paris»..

Harold Lloyd é hoje o artista mais rico do cinema americano, estando a sua fortuna avaliada em alguns milhões de dólares.

LEWIS STONE foi contratado

Lewis Stone, o correctíssimo actor que tão expressivas criações tem tido no cinema americano, acaba de assinar com a Metro Goldwyn Mayer, emprêsa para quem trabalha há desassete anos, um novo contrato de longa duração.

O chefe da Família Hardy está no cinema desde 1915.

FITAS NA FORJA

- *CHEERS FOR MISS BISHOP, com Martha Scott, William Gargan, Edmond Gwenn, Sidney Blackmer, Dorothy Peterson, Sterling Holloway, Donal Douglas, Marsha Hunt, Lois Ranson e Mary Anderson. Realização de Richard A. Rouland. United Artists. (Sonoro Filmes).*
- *SAN FRANCISCO DOCKS, com Burgess Meredith, Irene Hervey, Barry Fitz Gerald, Raymond Walburn, Robert Armstrong, Lewis Howard, Esther Ralston e William Dawidson. Direcção de Arthur Lubini. Universal. (Filmes Alcântara).*
- *PUBLIC DEB N. 1, com Elsa Maxwell, George Murphy, Brenda Joyce, Ralph Bellamy e Charles Ruggles. Dirigida por Gregory Ratoff. Fox.*

CINEMA DE AMADORES

É preciso trabalhar!

Temos pela cinematografia em formato reduzido a consideração que ela merece pelo seu alto valor artístico e faculdades de repercussão internacional dos aspectos e usos das várias regiões terrestres.

A cinematografia de amadores chegou a conquistar em alguns países, uma posição de relêvo.

A anormalidade resultante da guerra tem transtornado grandemente, porém, a sua marcha progressiva.

Em grande parte das nações europeias a actividade dos amadores de cinema é frouxa, quási nula.

Portugal, país privilegiado, pela sua segurança social, pelo seu valor intelectual e artístico, pelo ambiente de carinhosa simpatia que o caracteriza e ainda pela sua situação geográfica, é um dos raros países do continente europeu onde os amadores se encontram em plena actividade.

Bem sabemos quão difícil tem sido para êles manter esta actividade. A falta de material e películas, de que somos importadores, motivou uma subida de preço nas matérias primas necessárias para a execução das suas obras.

Mas os amadores portugueses, dando provas do seu grande amor pelo Cinema, continuam a produzir.

É necessário portanto ajudá-los a transpor a barreira difícil que a guerra lhes antepõe.

Mas também é preciso que produzam mais, e melhor a-fim-de conquistarem o lugar a que têm direito.

Garantimos, mais uma vez, a nossa assistência aos amadores portugueses, e prometemos que muitas coisas havemos de fazer, para elevar mais alto a cinematografia de amadores em Portugal.

Mas... advertimos, é preciso trabalhar.

JOÃO MENDES

Novo programa duplo da Aliança



A Aliança Filmes criou fama pela qualidade e equilíbrio dos seus programas duplos. O próximo, que apresenta no Politeama, é constituído pelos filmes: «Blondie educa o filho», outro gracioso episódio da série da Família Blondie, em que Baby Dumpling leva um sôco num ôlho...



... e «O estranho caso dum médico», em que um assunto sempre interessante é focado com absoluta novidade, e em que Jack Holt, Beverly Roberts e Noah Beery Júnior têm três óptimas criações. A Aliança Filmes juntará assim mais dois êxitos à longa lista dos seus

ACTIVIDADE

★ Concluiu-se há pouco o filme no formato 9,5 mm., «Ela julgou-o assim», que foi fotografado e dirigido pelo amador Victor Rodrigues. O mesmo amador está a preparar um novo filme, no mesmo formato, que se intitula «Renegado».

★ O Eng. Carneiro Mendes, de quem vimos há pouco a cultural «Cresta (Colheita do mel)», está a proceder à montagem dum documentário colorido que filmou na Exposição do Mundo Português.



— *A vedeta Elise Carrière, que pela sua azougada interpretação no filme «Port of Security» ficou a ser conhecida pela «Loira furacão», foi já convidada a não voltar a interpretar mais nenhum filme. Também outro intérprete do mesmo filme, o actor Patrick Alvarez, recebeu propostas para entrar numa outra produção, tôda em verso, mas com a condição dele não fazer os versos.*

— *A nossa indústria cinematográfica está a ganhar um grande impulso. São numerosos os projectos prestes a tornarem-se realidades. Apesar de estarmos em princípios de 1941 vários realizadores estão já a preparar filmes para 1942, outros para 1943 e outros ainda para quando calhar ou então para quando puder ser.*

— *O conhecido cineasta Tony Willard, teve que adiar a sua partida para o Brasil por ter sido contratado para desempenhar funções técnicas no novo filme «The Wolves of the Mountain», Tony Willard aceitou contrariado aquele lugar, tanto mais que ainda não tinha a passagem comprada.*

O HOMEM-SOMBRA

CARTAS DUM CINÉFILO

Excepcional Director:

Desculpe não lhe ter escrito a semana passada mas todo o tempo de que dispunha era pouco para ir ver o «Pôrto de Abrigo». Eu quando gosto sou assim, não olho a despesas. O meu pai também lá foi comigo e disse-me, à saída do cinema, que depois da «Ninotchka», que foi a única fita que ele viu esta temporada, da que tinha gostado mais era do «Pôrto de Abrigo». O meu pai também já foi ver a fita mais vezes, pois anda com a impressão que o cabelo do sr. Barreto Poeira está a crescer e ao mesmo tempo quere ver o sr. Patrício Alvares levar um tiro. O meu pai diz que tantos tiros dão tôdas as noites no final que certamente alguma vez hão-de acertar no espião.

O Tivoli desde que retirou aquele filme tem a «Sorte Grande», que ainda não vi. Aquilo nem parece o cinema, parece o quiosque que está em frente.

Queria que falasse de mim ao sr. Leitão de Barros para me aproveitar para o novo filme que êle vai fazer. A ver se eu desta entro, finalmente. Eu, que percebo a fundo da sétima arte, podia ser o técnico das decorações. Garanto-lhe que obrigava todos os intérpretes a decorarem os papéis. Também podia fazer um papel de pescador, pois sei muito bem fumar cachimbo.

Tive novamente a prova de que percebo a fundo de cinema. Para a taça «Animatógrafo» fiz também a minha votação, só para trazer por casa, é claro. E quere saber para quem foram os meus votos? Para o «Monte dos Vendavais», para o Leslie e para a Greta Garbo! O meu pai quando viu que acertei disse que eu era o orgulho dele e até me beijou comovido.

Fui assistir à festa do Trindade. Eu estava na última fila mas o senhor bem me viu porque olhou para mim várias vezes e até se sorriu. Veja se me arranja um lugarzinho no juri da próxima votação que eu não o deixo ficar mal.

Sem outro assunto cá continuo à espera que se lembre de mim para eu dar o meu concurso ao cinema nacional.

Ignácia da Purificação

P. S. — Na secção do sr. Abel Tenebroso vi lá umas referências a mim. Dizia que eu andava com o Arquimedes. É mentira. Não conheço ninguém no cinema com êsse nome.

I. da P.

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

UM MILHÃO DE ANOS ANTES DE CRISTO
— As construções, que reproduzem os monstros, do escultor naturalista J. M. Schleisser.
— As cenas do vulcão, e do incêndio, pelo seu realismo impressionante.

«SORTE GRANDE» (Rádio Filmes)
— A interpretação de RONALD COLMAN.
— A interpretação de GINGER ROGERS.
— A realização de LEWIS MILESTONE.
— O argumento e planificação de ALLAN SCOTT e JOHN VAN DRUTEN, e a fotografia de ROBERT DE GRASSE.
— HARRY DAVENPORT, pela sua rábula do Juiz.

«A DENUNCIANTE» (Sonoro Filme)
— JOAN BENNETT boa actriz e formosíssima mulher.
— George Raft pela sóbria maneira de representar e seu «poder de presença».

«NADAR E SALTAR» (Sonoro-Filme)
Complemento do filme «A Denunciante», notável pelo aproveitamento do assunto, maneira como foi filmado e montado.

"UM MILHÃO DE ANOS ANTES DE CRISTO"

(One Million B. C.)

Neste filme de Hal Roach o que mais há a admirar é o trabalho técnico do famoso dirigente do Museu de Hollywood, J. M. Schleisser, um dos mais famosos escultores naturalistas. Deve-se-lhe, em grande parte, o êxito dêste filme junto do sector popular, ávido sempre de emoções fortes que ponham à prova os seus nervos. A construção e movimentação de certos animais anti-diluvianos atinge, por vezes, grande perfeição, não sendo portanto difícil levar o público a um estado de interêsse indiscutível pelo desenrolar da acção em que se contam as aventuras de duas tribus pré-históricas com as suas questões, a sua luta diária pela vida.

Um milhão de anos antes da nossa era é o cenário de todo o filme. Por aqui, já se pode avaliar das dificuldades que revestem a reprodução no cinema de tão ousado ambiente. Todavia, a tarefa é levada a cabo com certo êxito, como já se disse, graças ao poder de sugestão dos combates dos homens com gigantescos e monstruosos animais. Outras cenas se recomendam ainda pelo seu realismo impressionante, como a do vulcão e a do incêndio.

Uma nota curiosa: durante a maior parte da acção do filme foi suprimido o diálogo e substituído por gestos.

No desempenho encontramos um nome que nos diz qualquer coisa. É Lon Chaney Júnior, filho do famoso «homem das cem caras».

"SORTE GRANDE"

(Lucky Partners)

Quis o acaso que se exibissem em Lisboa ao mesmo tempo dois filmes americanos extraídos ,com bastante intervalo, de duas peças teatrais francesas: «Tovarich», versão da peça de Jacques Deval com o mesmo título, e «Sorte Grande», adaptação cinematográfica da peça *«Bonne Chance»*, de Sacha Guitry.

Diferiram bastante os processos empregados nas respectivas «transplantações» para o Cinema — e é evidente que a causa principal dessa diferença está na própria evolução das concepções da estética e do espectáculo cinematográfico. Ao passo que «Tovarich»-filme é uma simples versão em celuloide de «Tovarich»-peça, *Lucky Partners* constitue uma autêntica adaptação da peça de Sacha. Isso é, aliás, logo salientado nas legendas de abertura do filme, onde se lê que o argumento foi baseado, ou inspirado, numa *história* de Sacha Guitry.

Por êste motivo, ao contrário do que foi possível fazer a-propósito de «Tovarich», não podemos aplicar ao filme quaisquer considerações que a peça nos sugerisse. De Sacha e da sua *«Bonne Chance»* ficaram no filme a ideia-base da novela, o traçado geral do enrêdo, algumas situações e alguns ditos de espírito. O resto — e o resto é quási tudo — deve-se a Allan Scott e John Van Druten, argumentistas dos mais experimentados de Hollywood (são do primeiro os argumentos, planificações e diálogos de «A Rapariga da 5.ª Avenida» e de «Quero Sonhar Contigo»). Todo o desenvolvimento da história, os «gags», os diálogos, a composição das personagens, etc., são especificamente americanos — como especificamente americana é a «leveza de mão» com que é tratado um assunto moralmente melindroso. A figura do protagonista — a mais interessante e mais importante do filme — aparece também modelada segundo o mais rigoroso figurino anglo-saxão, para o que também contribue a nacionalidade e as características pessoais do intérprete. E por tudo isto desapareceu — graças a Deus! — o «parisianismo» galante, para não lhe chamar escabroso da obra original.

Tôda a encenação é magnífica, desde a hábil planificação de Allan Scott e Van Druten à fotografia magistral de Robert de Grasse e aos cenários excelentes de Van Nest Polglase e Darrell Silvera. O acompanhamento musical que Dimitri Tiomkin escreveu, pareceu-nos porém que não se harmoniza como seria para desejar com a subtileza geral do filme — subtileza que Lewis Milestone, o realizador, soube «servir» e ajudar a criar pela inteligência, mestria e ligeireza de tôda a sua direcção. Essas qualidades revelam-se sobretudo na forma como «mexeu» as personagens.

Verdade seja que, nesse ponto o realizador do célebre «A oeste nada de novo» teve o seu trabalho muito facilitado pelos artistas a quem distribuiram os dois principais papéis: Ronald Colman e Ginger Rogers — dois comediantes extraordinários que são o principal motivo de interêsse do espectáculo, apesar de todos os outros atractivos do filme.

Ronald Colman tem no pintor neflibata e fantasista uma maravilhosa criação, equiparável às de «Horizontes Perdidos» e «Duas Cidades», pela sobriedade, pela compreensão da figura encarnada, pela justeza e economia de efeitos. Colman é um espantoso actor — um actor até à medula que possue, além do seu talento magnífico, uma personalidade vincadíssima e singular; sempre que «a sua singularidade» se ajusta à personagem que interpreta, o resultado é verdadeiramente admirável. Ora em «Sorte Grande» dá-se exactamente essa coïncidência, e por isso vê-lo neste filme é um prazer sem preço — um prazer que a intervenção de Ginger Rogers avoluma sobremaneira.

Ginger, com a sua nova cabeleira preta, mostra-se tão graciosa e boa actriz como quando usava os seus famosos — e para muita gente saudosos, justamente saudosos — cabelos loiros. Não vale a pena repetir aqui os elogios e comentários que noutras ocasiões lhe termos dedicado. Bastará dizer que os justifica mais uma vez — pois mostra continuar com a sensibilidade e vivacidade a que nos habituou e na plena posse das suas invulgaríssimas faculdades de actriz. Quanto ao seu poder de sedução — nem vale a pena falar!

Dos restantes intérpretes há que destacar Harry Davenport — o «juiz» n.º 1 do Cinema americano desde o «Não o levarás contigo!». Os seus *«Don't mention it»* são impagáveis! Todo o filme, aliás, é divertidíssimo, pois a todo o momento o espectador é levado a rir ou a sorrir com qualquer pormenor da interpretação, da realização ou dos diálogos. Pena é que as legendas apareçam cheias de «gralhas», o que é agravado com os tratos de polé que a cópia sofreu quando as gravaram. — D. M.

"A DENUNCIANTE"

(«The House Across the Bay»)

Uma fita correcta. Um argumento com certa originalidade que nos conta a história dum especulador e de sua mulher, que se amam, êle conquistando tudo para sua mulher, ela cada vez mais grata por tudo quanto o marido lhe oferece. Um dia os inimigos do especulador Steve Larwitt (George Raft) ameaçam-no. Sua mulher (Joan Bennett) para o salvar pensa denunciá-lo à Comissão de Impostos que êle várias vezes tinha ludibriado. Consulta o advogado (Lloyd Nolan) que lhe garante que a prisão não passará dum ano. Ela denuncia. Mas a pena do marido são dez anos. O advogado gostava dela e tinha pensado que assim, durante dez anos de prisão do marido a podia conquistar. E, agora, persegue-a. Outro homem (Walter Pidgeon) aparece, surgem novas tentações. Ela resiste sempre, acusada pela consciência, culpada da prisão do marido. A solução é o marido fugir de Alcatraz para matar a mulher, saber a verdade, matar o advogado traidor, e deixar-se matar pelos guardas que o perseguiam. O fulcro da história devia estar na sua parte central — no drama da mulher que denunciou o marido e se vê culpada da pesada conseqüência; no sofrimento do marido que sente perseguida, cá fora, a mulher que adora; na teia do advogado e no seu desespêro quando não consegue a mulher por causa de quem foi traidor.

Todavia os produtores parece terem querido aligeirar esta história que, por natureza era «pesada». E assim a acção dramática central é apenas esboçada o que reverte a favor das seqüências que constituem a introdução da história com alguns números musicais e das outras que a fecham com o dinamismo da fuga de Steve.

Há bons momentos na fotografia de Merritt Gerstad, em que é justo salientar algumas «transparências» notáveis. Raft sóbrio, vigoroso e cada vez mais com aquela «presença inquietante» que o caracteriza e o predestina para aqueles papéis. Joan Bennett mais formosa e tentadora do que nunca está uma actriz consumada só não convencendo muito nas cenas de «music-hall» quando a obrigaram a imitar Carmen Miranda. Pidgeon muito bem embora pouco aproveitado.

Vimos com êste programa, um notável complemento «Nadar e Saltar» feito com material filmado para «Olimpíadas» filmado da mesma maravilhosa maneira e montado com a mesma segura técnica.

A projecção dêste programa esteve, na noite da estreia, bastante descuidada. — F. G.

TRÊS GRANDES SUPERPRODUÇÕES EUROPEIAS

apresentadas logo a seguir ao Carnaval

PARA INÍCIO DO GRUPO DE FILMES EUROPEUS EXCLUSIVOS

de

FILMES CASTELO LOPES



O SONHO DA BUTTERFLY

Música de PUCCINI

CANTADA PELA MARAVILHOSA CANTORA

Maria Cebotari

Realização de CARMINE GALLONE

HOTEL DO NORTE

com

ANNABELLA

Jean Pierre Aumont, Louis Jouvet e ARLETTY

a grande artista parisiense na sua mais extraordinária criação

Realização de MARCEL CARNÉ



MANON LESCAUT

Segundo o célebre romance francês do **ABADE PRÉVOST**, interpretado superiormente por

ALIDA VALLI

que, além de ser uma grande artista, é uma das maiores belezas mundiais

Música de PUCCINI

Um deslumbramento de riqueza e sumptuosidade

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

ZÉ FERNANDES. — Ora viva, Zé Fernandes! Tu supunhas então que eu nunca mais te escreveria! Que noção tens tu da minha balança de justiça. — Entre a Judy Garland e a Wendy Hiller, desculpa, Zé Fernandes amigo, mas não faço comparações ,sobretudo encarando-a sob o prisma da recompensa que tu reivindicas. Votava logo pela primeira. — Está combinado Zé Fernandes: quando vier aí uma vedeta em carne e osso, nomear-te-ei oficial às ordens e chefe do protocolo. — Votas então contra os intervalos?! Há uma rapariga que eu e tu conhecemos, que não deve ser da mesma opinião: às escuras só tem olhos para a fita; às claras só tem olhos para êle... Isto do intervalo é uma coisa muito mais complicada do que parece: são oito lustros de rotina nacional...

RAINHA DO SABÁ E PRINCIPE TATÁ. — Muito prazer em conhecer-vos! Fizeram muito bem em escrever e espero que, de futuro, o façam separadamente. Se como nada mais existe da vossa carta do que a vossa apresentação, eu vos declaro, majestades, apresentados para todos os efeitos inerentes a esta secção.

ARSENE LUPIN. — Acho que a tua admiração pelo Melvyn Douglas é cem por cento justificada. Em *Ninotchka* êle tinha, de facto, uma criação magnífica. — Transmito as tuas saüdações a *Maria Papoila*, *Antinea*, *Melita*, *Miss Século XX*, *Deram-lhe uma Espingarda*, *Raffles*, *Bob Taylor* e *Eterna Garota*, com a qual, segundo me dizes, gostarias de te corresponder.

O REI DA VIDA. — Sê bem aparecido! O que é feito dos meus correspondentes de Luanda? Espero receber notícias dêles. Estou certo de que me escreverão, se bem que as comunicações agora rareiem. Escreve a Hortense Luz para Teatro Variedades, Parque Mayer, Lisboa. Se bem que ela não esteja lá a actuar, não deixarão de lhe entregar a carta.

EXILADO DO MONDEGO. — «As águas do Mondego esperam por mim»! Não digas mais: passarei a ler as «Notícias de Coimbra», secção de Necrologia... Não faça chorar o Choupal... A cheia já vai tão grande... — Também considero a Maureen O'Hara, uma beleza peregrina, como dizes. De facto, ela anda em permanente peregrinação, de filme em filme. — *Benjamina* está em Lisboa, mas não sei se é lisboeta. Tenho impressão de que nasceu em plena serra, num berço de alcachofras... — As comunicações com a Madeira são irregulares. Não posso por isso responder à tua pregunta.

UMA GAROTA SEM IMPORTÂNCIA. — Os três fimes que me dizes ter visto, *Ninotchka*, *A Idade das Ilusões* e *Idílio Musical*, contam-se no número dos melhores espectáculos que a tela, ultimamente, nos tem dado. — Eu tenho uma predilecção muito especial, pelo segundo filme que citas. Não o considero o melhor de Deanna, mas acho o argumento delicioso! E com que graça ela faz o papel da rapariguinha que sente os primeiros alvoroços de amor! Deves ver agora, *O Novo Amor de Andy Hardy*, que é a réplica do tema daquele filme! — Transmito as tuas saüdações a *Benjamina* e *Arsène Lupin*.

MELITA. — Não pense, nem por um instante, que não apreciei os seus bons votos. E a razão porque não aludi a êles, não foi, por certo ,por menos os ter estimado. Espero que V., como todos os leitores, me perdoará um lapso, não é verdade? — A sua crítica ao filme *Mulheres* (que tema inexgotável que êste filme tem sido!) é judiciosa. Também creio que os movimentos feministas, com tôdas as suas aberrações, estão condenados a um malôgro. Que à mulher não sejam negadas certas prerrogativas, de acôrdo. Mas nada se ganha em estabelecer uma luta de concorrências, pois o homem e a mulher, terão sempre campos de actividades, diferentes, mesmo sob o aspecto espiritual, e que afinal se completam na sua função social. Sôbre êste tema, que vai aqui «em comprimidos» escreveríamos volumes. — O «Clube do Animatógrafo» está aberto também às leitoras. Espero que V. se inscreva, pois sei que se trata duma cinéfila verdadeira, e que tem jus, em absoluto, a essa distinção.

SHALL WE DANCE?. — Como tiveste ensejo de verificar, o aspecto gráfico de *Animatógrafo* melhorou considerkvelmente. Temos, agora, melhor papel e uma impressão que valorizam de forma extraordinária, as gravuras das páginas interiores.—Peço-te que cumprimentes o *Moeda Falsa* que ainda se não dignou escrever-me. — Infelizmente, não posso ficar com nenhuma rifa dessa pessoa, que queres sortear!...

MARILIA. — A Myrna Loy e a Jannette Macdonald não costumam condicionar a remessa das respectivas fotos ao envio de dinheiro. Podes escrever-lhes para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Do Óscar de Lemos, poderás solicitar a foto, por intermédio da nossa revista. — Já poucos dias faltam para vermos *Pôrto de Abrigo*. Quando esta resposta vier a lume já deverá estar estreado. — Maria da Graça é, de facto, um tipo novo do cinema português. Oxalá que a sua actuação corresponda à simpatia e à espectativa que se criou em volta da sua pessoa.

MARIA DE VASCONCELOS. — Pode mandar a sua fotografia e as restantes indicações que permitem recomendá-la oportunamente aos nossos realizadores. Não terei dúvida em o fazer, se, de facto, V. tiver qualidades. — A sua carta veio multada porque não trazia franquia. Assim, não vale...

UMA ADMIRADORA DE DEANNA DURBIN. — Deanna Durbin nasceu a 4 de Dezembro de 1922. Ignoro pormenores sôbre a família. Sei que responde habitualmente a quem lhe escreve e que tem quem lhe traduza as cartas escritas em português. — *Todos os domingos*, com Judy Garland, era um filme em duas partes. Foi exibido em Lisboa logo após a sua aparição em *Três Raparigas Modernas*. — *Parada da Primavera* deve aparecer na temporada 1941-1942. — Alguns filmes de Fredie Bartholomew: *David Copperfield*, *Anna Karenine*, *O pequeno Lord*, *Lloyds de Londres*, *Lobos do Mar*, *Três Pequenos Gangsters*, etc. — De Shirley Temple: *Shirley Garota da Rádio*, *Shirley Aviadora*, *A Menina dos Caracois*, *Shirley entre os índios*, *A Princesinha*, *O Pássaro Azul*, etc., etc. — Obrigado pelos teus votos amigos.

FLOR DOS ALPES. — Tenho a maior simpatia por ti e o melhor desejo de responder às tuas cartas. Simplesmente, sou forçado a aguardar que elas surjam na «bicha»... — Não vi ainda Linda Wara, porque *O Criador de Estrêlas* só foi exibido no Pôrto. Mas quero crer que Deanna Durbin seja melhor cantora. — Não me parece que a Madalena Sotto tenha abandonado o cinema. Quando muito, talvez o Cinema tenha abandonado a Madalena. Mas em boa verdade, o verdadeiro abandonado deve ser o Cinema português. — Tens razão quando te referes à volubilidade dos nossos cineastas, em matéria de estrêlas. O assunto ainda há dias foi focado no *Animatógrafo*, por Mota da Costa.

DERAM-LHE UMA ESPINGARDA. — A pessoa que te atendeu na redacção foi o nosso camarada João Mendes. — O melhor filme de Jean Arthur? Talvez *Doido com Juizo*. Escreve-lhe para a Columbia Studios, 1438, Gower Street, Hollywood Califórnia.

SEM AMOR. — Avalio a tua impaciência! Mas se tu soubesses a montanha de cartas que tenho para responder. — *O Feitiço do Império* é, de facto, um belo filme. E a parte documentária que inclue, tem o interêsse das melhores «viagens» que o cinema estrangeiro nos tem apresentado. Depois é tão consolador, travarmos conhecimento com o Império Português, tão vasto, tão atraente! — O teu reparo ao filme *João Ratão* é engraçado e tem razão de ser... Mas ali o aspecto lírico, digamos, sobrepõe-se à realidade... — se todos os espectadores do Cinema português, fôssem tão justos como tu! Com um pouco de bom-senso e compreensão, não ouviríamos certas «barbaridades» a que já estamos acostumados. — Quando agora as cartas tardarem, não desanimes, *Sem Amor*. Tu sabes que a demora significa apenas que outras, muitas, muitas, estão à frente das tuas!

ROBIN DOS BOSQUES. — Tomei nota de que deixaste de ser *Pinocchio* e passastes a ser *Robin dos Bosques*. Continuas, pois, colorido... — *Porto de Abrigo* já deverá estar estreado, quando estas linhas vierem a lume!

AZ DE COPAS. — Mais uma vez esclareço que a *Maria da Graça* de *Pôrto de Abrigo* nada tem que ver com a artista do mesmo nome, que tem cantado ao microfone da Emissora Nacional. — Escreve, em português, a Madeleine Carrol, para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. — É preferível aguardares melhor oportunidade para solicitares a foto de Paula Wessely.

ETERNO GAROTO. — As cenas a que te referes, em que o mesmo actor se desdobra em duas personagens diferentes, que contracenam por vezes, são feitas, por vários processos, entre os quais o mais utilizado e o da «bak-projecction» (transparência). Impossível entrar em pormenores, que seriam escessàriamente longos, e incompatíveis com o espaço de que disponho nesta secção.

M. E. C. A. — Fizeste bem em escrever à *Maria da Graça*. No entanto estou informado de que ela ainda não começou a enviar as fotos aos seus admiradores. Façamos votos por que não os esqueça como é de justiça. O que podes ter a certeza, tu e todos os leitores, é que tôdas as cartas que nos enviaram ,para ela, foram remetidas sem perda de tempo à graciosa estrelinha, que as tem em seu poder. — Podes escrever às vedetas alemãs, em português, a solicitar as fotos autografadas. No entanto não sei se os pedidos terão imediato seguimento. É de crer que sim. Nada perdes em tentar.

PINOCCHIA. — Ainda bem que o «fox» que a telefonia te fez ouvir, na altura em que me escrevias, me «salvou» a tremendíssima descompostura! Uff! Escapei de boa! — Não é verdade, por certo, que eu tenho alterado a ordem da recepção das cartas, que sigo escrupulosamente quando respondo. E se sucedeu, aparecer, em primeiro lugar, respostas a pessoas que me escreveram depois de ti, de duas uma: ou foi capricho da paginação, ou, então, demora nos correios quanto à entrega da tua cartinha! Não penses mais no assunto, e vamos adiante... — *Balalaika* dizem-me ser um excelente espectáculo musical. A seu tempo, publicaremos a letra das respectivas canções.

I LOVE YOU HELEN — Transmiti a tua «reclamação» a quem de direito. — O problema dos intervalos dá mais do que tema para um artigo. Com efeita, pode fazer-se uma campanha! — Podes assinar os artigos que enviares para a *Página dos Novos* e indicares um pseudónimo, para no caso do artigo não ser publicado, receberes, no correio respectivo, as razões justificativas.

Bel-Tenebroso

Os críticos americanos escolhem os 10 melhores filmes do ano

«Film Daily», o importante diário corporativo do cinema americano, organizou um inquérito — em que participam 540 críticos de meio milhar de jornais, representando cêrca de cinqüenta milhões de leitores! — com o fim de classificar os dez melhores filmes exibidos durante o ano.

O resultado de 1940, a que concorreram 440 filmes, foi há pouco tornado público, e nêle estão incluídos os seguintes filmes:

1.° «Rebecca», com 391 votos; 2.° «Grapes of Wrath» da Fox com 367; 3.° «Ninotchka» com 269; 4.° «Foreign Correspondent», de Walter Wanger, com 247; 5.° «All this and Heaven Too», de Warner Bros., com 230; 6.° «Abe Lincoln in Illinois», da Rko-Rádio Filmes, com 221; 7.° «Boom Town» da Metro Goldwyn Mayer, com 215; 8.° «Northwest Passage», daquela mesma casa, com 198; 9.° «Our Town» da United Artists, 198 e 10.° «Mortal Storm» da Metro Goldwyn Mayer, com 172 votos.

Não entraram na votação, por se encontrarem fora dos prazos estabelecidos entre outros, os seguintes filmes: «Gone with the Wind», «Fantasia», de Walt Disney, e «Long-Voyage Home», de John Ford.

Análise dos resultados do nosso concurso

(Conclusão da página 8)

um actor maravilhoso; em certos casos pode dizer-se insubstituível, como no violinista de «Intermezzo».

Robert Donat, com o seu consciencioso e tão bem estudado e composto Mister Chips, classificou-se muito justamente no 2.° lugar — classificação que, de certo modo, «acerta» com o prémio da Academia de Hollywood, que lhe foi atribuído o ano passado pela mesma criação.

«Animatógrafo» teve sincera alegria em ver classificar-se Errol Flynn, com o seu desempenho em «Robin dos Bosques», porque teve assim representação entre as interpretações distinguidas uma criação puramente cinematográfica, em que o intérprete foi forçado a pôr em jôgo tôdas as suas faculdades físicas, a par de qualidades histriónicas excelentes.

Duas observações, a fechar

Não queremos terminar esta rápida análise sem salientar um ponto que e nos afigura interessante e que talvez doutro modo passasse despercebido. Referimo-nos à grande percentagem de artistas ingleses classificados. Entre 13 contamos oito (incluindo os irlandeses): Wendy Hiller, Anna Neagle, Greer Carson, Leslie Howard, Robert Donat, Errol Flyn, Cary Grant e Ralph Richardson.

Isto não aconteceu, evidentemente, por preferência política. Aconteceu porque efectivamente os actores ingleses são excelentes, duma maneira geral — o que se explica pelo alto nível do seu teatro, justo é dizê-lo (nós, aliás, apesar de cinéfilos impenitentes e apaixonados, não temos menos interêsse nem menos gôsto pelo bom teatro).

É interessante notar — será esta a nota final — que o Cinema americano vive, quanto às primeiras figuras, principalmente de artistas estrangeiros. A afirmação pode comprovar-se observando simplesmente as listas dos actores e actrizes candidatados para o nosso concurso. Entre 30 artistas intérpretes de filmes americanos 17 são estrangeiros ou recentemente naturalizados. — D. M.

ÊLES & ELAS

JOAN FONTAINE

Breve história da notável artista de «Rebecca»

David Selznick, que meses antes lhe recusara a almejada Scarlet O'Hara de «Gone with the wind» por a não considerar a actriz exacta para o papel, telefonava-lhe agora, dia a dia, imperturbàvelmente, para o Rancho de Santo Isidro, onde Joan Fontaine passava com Brian Aberne, uma lua de mel descuidada e feliz.

Nada parecia convencê-la a voltar ràpidamente a Hollywood, onde a esperava — embora ante a estranheza de tôda a gente do cinema, que recusava compreender a insistência e a confiança do grande produtor — uma figura de tão grande projecção dramática como era a da protagonista de «Rebecca».

É que Joan Fontaine estava literalmente desinteressada do Cinema, depois de uma carreira anodina, sem brilho e sem interêsse. Só o conselho amigo de Brian a demoveria de tão obstinada resolução.

Selznick tinha, como sempre, razão na sua escolha e na sua insistência. *Mrs. de Winter* deve ficar entre as mais extraordinárias criações que nos últimos anos o cinema tem presenciado.

Foi Jesse Lasky, o grande pioneiro do espectáculo cinematográfico, o descobridor de Mary Pickford e William S. Hart, de Gloria Swanson e de Douglas Fairbanks, que em 1936 trouxe Joan Fontaine para o cinema, dando-lhe, ao lado de Katherine Hepburn, um papelinho em «Quality Street», depois de acidentalmente a ter visto no teatro.

Estava assim satisfeita a sua máxima aspiração. Já não podериam chamar-lhe, desdenhosamente, a «irmã de Olivia de Havilland». O seu orgulho estava satisfeito. Já não tinha grande razão para invejar, e detestar até, como se dizia, a famosa vedeta de «Capitão Blood». E ainda, para que não pudessem confundir os seus nomes, Joan adopta o apelido do padrasto, o sr. Fontaine, um comerciante ricaço de Los Angeles.

Joan Fontaine, que vimos já em «Canto só para Ela», em «Uma Donzela em Perigo», em «Gunga Din»,«Assim Nasce um Povo», veio ao mundo em Tokio, a 22 de Outubro de 1917, dois anos mais tarde que sua irmã. A mãi foi uma cantora de mérito, e o pai é hoje ainda, agente de patentes na Japão.

Casou em Agosto de 1939 com o protagonista de «Sua Excelência o Vagabundo», e vive em Beverly Hills, no 700 de North Linden.

JAIME DE CASTRO

TÍTULOS ILUSTRADOS



— Não é lindo êste carro? Custa 70 contos, mas, enfim, sou uma «estrêla»...

— E eu a julgar que um carro para a Estrêla não custava mais de oito e meio!

«ALA, ARRIBA!»

(Conclusão da página 11)

pode ser o seu melhor instrumento de propaganda. A obra, empreendida pelo S. P. N., de pesquiza etnográfica e de ressurgimento folclórico (Quinzena Portuguesa em Genebra, Concurso da Aldeia mais Portuguesa, Centro Regional da Exposição, etc.), aliada à sua nova actividade em prol do turismo, tornam a colaboração de António Ferro, director daquele organismo, realmente oportuna e preciosíssima.

Quem interpreta?

Não entrarão nenhuns actores de teatro, nem de cinema, no filme «Ala, Arriba!» de Leitão de Barros e Alfredo Cortez. A interpretação será assegurada por autênticos poveiros, o que será muito facilitado pelo facto de êles se dedicarem afincadamente, como amadores, à arte de Talma. O amadorismo dramático, no Norte do país, atinge proporções insuspeitadas, pois é possível contar cêrca de mil, disseminados por dezenas de grupos teatrais, alguns com mais de meio século de existência e de actividade continuada.

E sabemos que alguns, já foram escolhidos, em princípio, pelo encenador, entre os da Póvoa do Varzim e os da freguesia de Aveiomar.

Mais não sabemos, por ora.

Mas supomos que, para fazer crescer água na bôca aos cinemófilos conscientes, — não é preciso mais.

BALTAZAR FERNANDES

SENHA DE VOTO

Gostaria de ver publicados na «Galeria do Animatógrafo os retratos seguintes:

Actriz: ....

Actor: ....